

O MÉDICO, O PSICÓLOGO E A DOENÇA CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES DE ADOLESCENTES COM DIABETES MELLITUS

Mariana Cardoso Rodrigues (UNESP – Bauru/SP) – Bolsista PROEX
Dra. Christiane Carrijo (Departamento de Psicologia – UNESP – Bauru/SP)

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Bauru

Palavras-chave: Diabetes Mellitus, Crença, Representações

Período de realização: 1º semestre de 2014.

Objeto da intervenção:

Pré-adolescentes e adolescentes entre onze e dezesseis anos, diagnosticados com Diabetes Mellitus tipo 1, atendidos no Ambulatório de Crianças e Adolescentes com Diabetes Mellitus do Hospital Estadual de Bauru.

Objetivos:

Investigar as crenças e representações dessa população em relação a membros da equipe deste ambulatório – médica e equipe de psicologia – e também em relação a sua própria doença.

Metodologia:

Grupos atendidos semanalmente, em média cinco participantes e duração aproximada de uma hora. Fez-se uso de questionário composto por três seções – a primeira, com afirmativas referentes à médica coordenadora do Ambulatório; a segunda, à equipe de Psicologia; e a terceira, às suas próprias vidas. As perguntas demandavam dos pacientes uma resposta associada livremente, enquanto que, dos pesquisadores, uma escuta psicanalítica. Realizava-se inicialmente uma dinâmica de apresentação para construção de vínculo e, posteriormente, lhes eram dadas folhas sulfite seguido da explicação quanto ao procedimento da intervenção. A pesquisadora lia uma afirmativa e era deles esperado que complementassem o final desta por escrito, assim sucedendo-se com cada uma delas e podendo eles expressarem livremente suas ideias. Escritas as respostas, cada participante as dizia em voz alta, iniciando-se uma reflexão dialogada a respeito das representações e crenças referentes à médica, à equipe de psicologia e à doença.

Resultados:

Respostas recorrentes em relação à médica representam-na como instância cuidadora, possível detentora de cura. Sentimentos ambivalentes em relação a ela aparecem nos discursos quando é destacada sua importância para o tratamento da doença, porém o desejo de não frequentar o Ambulatório é consideravelmente presente. Quanto à equipe de Psicologia, grande número de respostas refere-se ao psicólogo como aquele que os aconselha, que lhes oferece uma palavra salvadora ou lhes diz como se sentir melhor. Por fim, quando associam livremente sobre suas próprias vidas, a crença numa cura da doença se mostra extremamente presente.

Análise crítica:

Há, de fato, diversas crenças e representações atreladas a sentimentos ambivalentes para com a médica e a equipe de psicologia que permeiam o discurso desses pacientes diabéticos. Raiva, ódio e tristeza aparecem com frequência na fala desses pacientes e a crença de cura perpassa todos os aspectos investigados. Há uma representação da médica quase maternal – aquela que cuida, mas também reprime – e outra, salvadora, dada sua posição de Saber Médico. Sobre o psicólogo, recai a expectativa de que dê a eles palavras que também os cure, como alívio de seu sofrimento psíquico – um conselho quase mágico, que escaparia ao Saber Médico. A médica curaria com remédio; o psicólogo, com palavra.

Conclusão:

Constata-se, então, a necessidade de um espaço psicoterapêutico que possa abordar tais crenças e representações trazidas por esses pacientes, refletir sobre elas e trabalhar as expectativas que estes têm tanto dos profissionais ali presentes como da própria doença.

Aprovado.

Dúvida:

O trabalho pode ser considerado um trabalho científico, de pesquisa, com metodologia qualitativa? Se sim, reorganizá-lo de acordo com as normas de resumo para trabalho científico. Acredita-se que sim, mais do que relato de experiência, em função dos objetivos e dos resultados relatados.